

FMI aprova liberação do câmbio

Malan tenta obter segunda parcela do dinheiro do Fundo

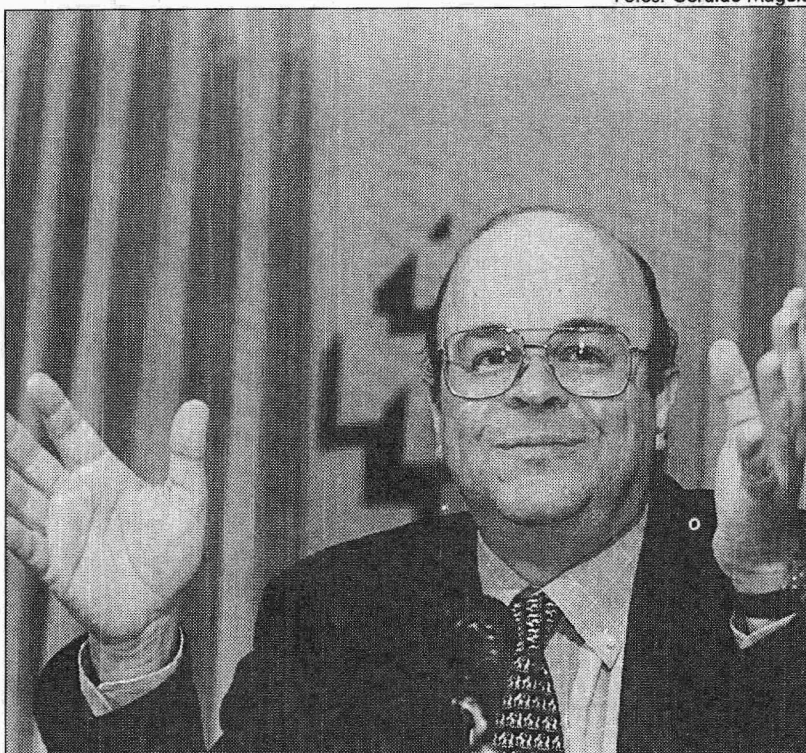
Abertura do mercado será acompanhada por Lopes

Washington - O presidente interino do Banco Central, Francisco Lopes, embarcou ontem de volta ao Brasil, sem que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, tivesse concluído as conversações com representantes do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial (Bird) e do Tesouro Americano. Ele quer estar em Brasília hoje, na hora em que os mercados reabrirem para acompanhar de perto a evolução do câmbio. Ontem fontes confirmaram que o BC deverá manter o câmbio livre, posição defendida pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. Segundo a mesma fonte, a liberação do câmbio também conta com a aprovação do FMI.

Pedro Malan, que chegou em Washington no sábado de manhã, acompanhado por Lopes, pelo secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, e por seu chefe de gabinete, João Batista Magalhães - passou quase todo o tempo na sede do FMI. Sua missão era explicar as sucessivas mudanças ocorridas no Brasil, que na quarta-feira passada desvalorizou em 8,9% o real, e na sexta-feira deixou o câmbio flutuar livremente.

No avião, a caminho de

Fotos: Geraldo Magela



LOPES: presidente do BC retorna para acompanhar mercado

Washington, Malan demonstrou otimismo. Estava convencido de que obteria o apoio dos 20 países e das organizações internacionais, responsáveis pela articulação de um pacote de ajuda financeira de US\$ 41,5 bilhões ao Brasil, às recentes medidas. Tendo êxito, a liberação da segunda parcela desses recursos, prevista para fevereiro, será antecipada.

Interesse

"Eles (os credores) têm interesse no sucesso do programa fiscal, tanto quanto nós e entenderão as mudanças", disse Malan, durante a viagem. Mas, uma vez nos Estados Unidos, o ministro optou pelo silêncio. "Malan recebeu um telefonema no sábado à noite do ministro das Finanças da Alemanha, Oskar Lafontaine, que manifestou satisfação e apoio às medidas recentes adotadas pelo Brasil", disse o chefe de Gabinete do Ministério da Fazenda. Segundo ele,

Lafontaine falou em nome do G-7 - o grupo dos sete países mais ricos, que em uma reunião em Frankfurt, na semana passada, analisou a situação do Brasil.

Esse foi o único apoio anunciado oficialmente até o início da noite de ontem. Um funcionário do FMI lembrou que, até o momento, as declarações de apoio foram comedidas. Na sexta-feira passada, quando o regime cambial brasileiro foi alterado pela segunda vez em três dias, um porta-voz do Fundo disse que "foi uma decisão sábia para acabar com a sangria de reservas nacionais." Mas o principal desafio de Malan ontem era convencer os credores que o Brasil não tinha outra escolha, ao surpreender o mundo com a mudança de sua política cambial. E que além dessa medida, fará o tão prometido ajuste fiscal.

Ontem, Malan se encontrou pelo segundo dia consecutivo com o diretor-geral do FMI, Michel Camdessus, seu vice,

Stanley Fischer, o diretor do Departamento de Hemisfério Ocidental do Fundo, Cláudio Loser, e sua vice, Teresa Terminassian, que é a principal negociadora com o Brasil. O problema é que a decisão de liberar ou não o dinheiro do FMI, depende, em última instância, dos 24 diretores, que representam 182 países-membros, cujos governos foram surpreendidos pela mudança de rumo da política cambial brasileira e que também estão sujeitas a pressões políticas.

Antecipação

Uma reunião de diretoria está prevista para hoje. No acordo fechado com o Fundo, no último dia 13 de novembro, ficou decidido que o FMI, o Bird, o BID e 20 países colocariam à disposição do Brasil uma ajuda financeira de US\$ 41,5 bilhões. E que a primeira parcela, de US\$ 9,1 bilhões, seria liberada em dezembro. E foi. Uma segunda parcela - de US\$ 4,5 bilhões do FMI, e outros US\$ 4,5 bilhões do Banco de Compensações Internacionais (BIS), que gerencia os recursos disponibilizados pelos 20 países ricos - só seria liberada em fevereiro. Mas poderia ser antecipada desde quando o Brasil implementasse "medidas fiscais chaves" e obtivesse o aval da diretoria do Fundo.

Boa parte da discussão entre o Brasil e seus credores gira em torno dessa questão: quais são as medidas fiscais chaves? São aquelas que o Governo já aprovou ou que precisava aprovar até o final de fevereiro? Na sede do FMI, os negociadores brasileiros também falaram com o sub-secretário do Tesouro Americano para a América Latina, Ásia e África, Daniel Zelikow, e sua equipe. O vice-secretário do Tesouro, Larry Summers, estava voltando da reunião do G-7, na Alemanha, para o encontro com Malan.